Correio da Manhã

Circula em conjunto com o CORREIO PETROPOLITANO

Rio de Janeiro, Quarta-feira, 21 de Setembro de 2022 - Ano CXXI - Nº 24.106

2º CADERNO

Fotos/Divulgação

Autores de grandes sucessos dos anos 1970, Antònio Carlos & Jocafi receberão troféu e vão autografar o novo álbum durante o evento

A festa é do vinil

Point de colecionadores, tradicional evento de LPs volta ao formato presencial e homenageia Antônio Carlos & Jocafi

Depois de um jejum de quase três anos – sua última edição foi em dezembro de 2019, a Feira de Vinil do Rio de Janeiro retorna ao casarão do Instituto de Arquitetos do Brasil, no Flamengo, no próximo domingo, desta vez promovendo uma homenagem a Antônio Carlos & Jocáfi.

A dupla de cantores e compositores brasileiros, nascidos na Bahia, começaram a carreira em 1969 no Festival Internacional da Canção e fizeram grande sucesso na década de 1970, cujas canções fizeram parte da trilha sonora de muitas telenovelas. Os dois comparecerão ao evento para receber o Troféu Feira de Vinil do Rio de Janeiro, já entregue, ao longo das últimas edições, a Joyce, João Donato, Doris Monteiro, Leny Andrade, Azymuth, Marcos Valle, Arthur Verocai, Carlos Dafé e Wilson das Neves. A dupla estará presente das 16h às 17h, para uma sessão de autógrafos, recebendo a homenagem às 18h, pelos seus 55 anos de carreira.

Antônio Carlos & Jocáfi farão o lançamento da edição limitada em vinil do EP inédito "Afro Funk Brasil", projeto desenvolvido com a Orquestra de Violões do Forte de Copacabana. Com apenas 400 unidades prensadas, o EP de seis faixas revisita canções afro-baianas dos anos 70, com versões de "Simbarerê" (lançada em 2021 e já disponível nas plataformas digitais), "Kabaluerê", "Chamego de Iná", "Glorioso Santo Antônio" "Quem Vem Lá", e a inédita "Ogun Ni Lê", esta última, com a participação luxuosa do parceiro musical da dupla, Russo Passapusso (BaianaSystem), responsável também por batizar o projeto de "Afro Funk Brasil". O EP sairá via Altafonte em 2023, mas ganhará uma tiragem especial, prensadas pela Rocinante Gravadora, que serão lançadas e vendidas na Feira de Discos Vinil RJ.

Continua na página seguinte

Raridades em relançamento

A edição deste ano da Feira do Vinil também sediará o primeiro evento oficial de lançamento da reedição do compacto "Arembip", um dos mais raros do país, lançado em 1974 pela cantora Oriana Maria. Fruto de um heroico trabalho de pesquisa do produtor Cristiano Grimaldi, a reedição em formato físico traz o registro da cantora acompanhada de membros de proeminentes argentinos incluindo Manal, Pescado Rabioso e La Pesada del Rock And Roll de Billy Bond.

No mesmo dia, haverá ainda o lançamento em vinil das reedições do álbum "Lurdes de Luz (2010)", comemorando 20 anos de carreira, e "Tambores urbanos", de Sergio Boré, um dos discos independentes mais importantes da música brasileira dos anos 80, com participações de nomes como Geraldo Azevedo e Elba Ramalho.

Lançado neste mês de setembro, o livro "1979 - O ano que ressignificou a MPB" (Garota FM Books), reunindo 100 autores de diversos estados do país e organizada pelo jornalista Célio Albuquerque, será também uma das muitas atrações da feira.

Produzida por Marcello Maldonado e pelo produtor artístico Marcello MBGroove (coletivo Vinil É Arte), a 23º Feira de Vinil do Rio contará com a discotecagem especial do novo disco "Astral", do grupo carioca "Seletores de Frequência", com um soft-lançamento na feira acompanhado pelo trompetista da banda, Pedro Selector. Ao longo do dia, vários DJs também apresentação seus sets em vinil, especialistas nos mais variados estilos; MPB, Black Music, Rock, Eletronic. Cerca de 60 expositores de todo o Brasil estarão presentes com discos e CDs. Do Rio, participarão, dentre outros, a Tropicália Discos e a Arquivo Musical, além da Garimpo Discos, Maraca Discos e da Satisfaction. Os paulistas serão representados pelo Never Records, Casa da Mia, Mega Hard, Pindorama e Mafer Discos, só para citar algumas. Assim como nas edições anteriores, será cobrada como entrada simbólica 1 kg de alimento, a ser entregue ao Solar Meninos de Luz.

Divulgação

A Feira de Vinil está de volta com vários expositores

SERVIÇO

23ª FEIRA DE DISCOS DE VINIL DO RJ
Instituto dos Arquitetos do Brasil (Beco do Pinheiro, 10 - Flamengo)
25/9, das 11h às 19h
Entrada: 1 kg de alimento não perecível

MEX BRASIL

Hámais de 20 anos cuidando de empresas como a sua

Conheça a MEX Brasil e descubra tudo que temos a oferecer!!
Aqui vai alguns dos nossos serviços:

- Limpeza e Desinfecção
- Serviços de copa
- Serviços de apoio em geral
- Limpeza pós obra
- Limpeza de vidros
- Impermeabilização e tratamento de pisos
- Horista, diarista e mensalista
- **Serviços Pay Per Use**

Novo!

Entre em contato e solicite um orçamento!

e-mail: eduardo.santos@mexbrasil.com.br
Tel.: (21) 96483-7658
CEO Ramal: 261

JANU além das fronteiras

Músico alagoano faz de 'Miolo do Oxente' um caleidoscópio sonoro onde piseiro, lambada, guitarrada, arrocha, indie e dream pop se misturam

Fernanda Simões/Divulgação

Janu passa longe de estereótipos nordestinos em 'Miolo de Oxente', seu segundo trabalho solo

O cantor e compositor alagoano Janu gosta de dizer que faz da sua música um mergulho pessoal, regional e universal, onde ritmos, estilos, líricas e sotaques se multiplicam e se combinam de modos inesperados. Seu novo disco, "Miolo do Oxente", entrega justamente essa proposta, inclusive a partir do próprio título que sugere entrar a fundo nas suas raízes.

Sem se limitar aos estereótipos de um nordeste plural, o artista une ritmos locais a outros vindos de bem longe. O resultado é uma coleção de canções habitadas por personagens e histórias que ampliam o escopo sonoro e lírico já apresentado no primeiro álbum, "Lindeza".

"O álbum foi um inevitável produto da pandemia. Embora estivesse projetado antes do isolamento", explica Janu, contando que o processo de gravação ocorreu à distância, com Janu e Paulo Franco - cantor e músico da banda Gato Negro e prestes a lançar seu trabalho solo - se dividindo entre a produção musical e a gravação de todos os instrumentos.

Entre idas e vindas digitais, foram se formando beats, harmonias e experimentações. "Algumas músicas, como 'Vey', 'Direção', 'Só' e 'Miolo do Oxente' seguem muito das inspirações no pop em seu sentido amplo - tanto no indie como na música popular mesmo. São misturas de arrocha e dream pop, piseiro e lambada francesa, guitarrada árabe e bregafunk. No disco tem de tudo isso. A ideia inicial era esse estudo sobre os pops - o pop pop e o pop popular", resume o artista.

> *"Algumas músicas seguem muito das inspirações no pop tanto no indie como na música popular. São misturas de arrocha e dream pop, piseiro, lambada francesa, guitarrada árabe e bregafunk".*
>
> Janu

Divulgação

Já canções como "Viver é Massa" e "Dados Binários" têm mais traços experimentais, com inspiração na neopsicodelia. Um exemplo disso é "Caiu no Poço", que se inicia com um arranjo de "I am the Walrus", dos Beatles, e uma inspiração em MGMT e Mané do Rosário - manifestação cultural tradicional de Alagoas. A faixa encapsula a ideia por trás do disco: explorar novos limites da canção e da musicalidade para além das expectativas.

O lançamento vem na esteira de um resgate feito por Janu do repertório de seu primeiro álbum em um show gravado ao vivo. Agora, o músico se diz pronto para uma nova fase criativa.

Janu vem se tornando um expoente do efervescente cenário independente alagoano a partir de Arapiraca. O músico já acumula uma vivência musical que o projetou para plataformas de alcance nacional com o EP "Matuto Urbano" e músicas como "Perdi La Night", que integra a trilha sonora do filme "Morto Não Fala" (Denninson Ramalho, Globo Filmes), e "Teu Sorriso" - esta última marca presença no filme "O Retirante", do alagoano Tarcisio Ferreira, e no especial de 80 anos de Pelé.

Com "Miolo do Oxente", Janu olha para frente, sem deixar de reverenciar suas origens. "Esse é um disco que versa muito sobre caminhos, direção, retomada", ressalta. O novo álbum está disponível para streaming nas principais plataformas.

CORREIO CULTURAL

Divulgação

O novo mural do brasileiro ainda não tem nome

Fachada da sede da ONU recebe mural de Kobra

O muralista Eduardo Kobra tem um novo trabalho para acrescentar ao seu previoso portfólio. Seu novo mural, com 336 m², acaba de ser inaugurado em uma das fachadas da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York. O mural, ainda sem nome definido, está situado na E 42nd St & 1St Ave.

A obra surge em período importante: até o próximo dia 26, a ONU sedia a Semana de Alto Nível da 77ª Assembleia Geral, a primeira totalmente presencial desde o início da pandemia. Sob o tema "Um Momento Divisor De Águas: Soluções Transformadoras Para Desafios Interligados", com representantes de 193 países.

Desmentido

A assessoria de Woody Allen divulgou à imprensa nesta segunda uma nota negando que o cineasta vai se aposentar após seu próximo filme e que focaria na carreira de escritor. As informações foram publicadas no jornal espanhol La Vanguardia.

Desmentido II

"Woody Allen nunca disse que estava se aposentando. Afirmou que pensava em não fazer filmes porque produzir longas que vão direto ou rápido para o streaming não é tão agradável para ele, um amante da experiência cinematográfica", diz a nota.

Desfecho

Luísa Sonza, processada por uma advogada negra confundida por ela como empregada doméstica, anunciou que tomou a decisão de solicitar uma audiência especial para resolver amigavelmente o processo, indenizando a autora da ação.

O substituto

Jackson Antunes foi escalado para o papel que José Dumont faria em "Todas as Flores". Com a substituição definida, Antunes deve começar a gravar em breve a novela, que tem previsão de estrear em outubro no Globoplay.

Divulgação

John Legend disse que consultará seu produtor sobre ideia de gravar com a cantora brasileira

'Ela é talentosa pra caramba'

John Legend revela desejo de cantar junto com Anitta em projeto futuro

Por Guilherme Luis (Folhapress)

John Legend acaba de lançar um disco chamado "Legend". Seu oitavo álbum de estúdio tem 24 faixas e foi dividido ao meio, com um pedaço dançante e outro mais introspectivo.

Legend tem um currículo extenso. O astro americano conquistou 12 troféus no Grammy, um Oscar, um Tony e uma estatueta no Emmy -e até já cantou numa música de um artista brasileiro. É dele a voz da faixa "In My Mind", de Alok, lançada no ano passado, que mistura o jeitão romântico do cantor com música eletrônica.

Mas ele quer ir além e gravar com outra estrela brasileira. "Eu e Anitta trabalhamos com o mesmo produtor nos nossos últimos álbuns. Acho ela uma artista talentosa para caramba. Eu vou conversar sobre isso com o Ryan. Ele tem falado dela faz um tempo. Acho que seria legal nós cantarmos juntos", disse Legend, em entrevista.

Divulgação

Anitta: elogios de Legend

O homem de quem ele fala é Ryan Tedder, que foi produtor-executivo do disco "Legend" e de "Versions of Me", último álbum de Anitta, em que ela canta em inglês.

Anitta tem avançado na sua tão desejada carreira internacional. Depois de explodir no TikTok com "Envolver" no começo do ano e escalar ao topo do Spotify mundial, ela lançou uma parceria com a rapper Missy Elliott, ganhou uma estátua no Madame Tussauds, fez show no Coachella e venceu o prêmio de melhor clipe de música latina no VMA.

Legend seria só mais um na lista de parcerias com americanos que Anitta tem. Ela já cantou, por exemplo com Cardi B, Khalid, a rapper Saweetie e até Madonna.

Fotos Divulgação

'Piaffe', uma misteriosa crônica urbana; e 'Carvão', o representante brasileiro no festival

Iguarias ibéricas

Em sua reta final, o 70° Festival de San Sebastián consagra achados autorais

Aos 90 anos, o espanhol Carlos Saura dirige 'Las Paredes Hablan'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Sábado é dia de Neil Jordan em San Sebastián, cidade do norte da Espanha que acolhe um dos festivais mais importantes do mundo na triagem de expressões autorais. A visita do realizador Irlandês, cultuado por "Traídos Pelo Desejo" (1992), envolve a missão de encerrar a maratona audiovisual espanhola de 2022, com uma exibição de seu novo filme, um thriller noir com Liam Neeson, chamado "Marlowe". Em paralelo à exibição do longa, o público local e as visitas que vieram de terras estrangeiras conferem a entrega da Concha de Ouro e dos demais troféus na competição oficial. Há concorrentes de potência estética invejável. Mas há pérolas em outras seções também. O Correio da Manhã lista aqui achados do vento.

LAS PAREDES HABLAN, de Carlos Saura: Aos 90 anos, o realizador de "Cría Cuervos" (Grande Prêmio do Júri em Cannes, em 1976) arrebata olhares com um .doc de 75 minutos sobre o mundo da arte, retratando a relação entre a criação pictórica (pintura, grafite, desenho) e o espaço do muro (ou da pedra, no caso das cavernas) como tela. Por isso, flana das primeiras expressões gráficas na pré-História até as vanguardas, cartografando ainda as inquietas manifestações poéticas das periferias contemporâneas.

TENGO SUEÑOS ELÉCTRICOS, de Valentina Maurel: Egresso da Costa Rica, esse drama cheio de mel é concentrado na reestruturação afetiva de uma família, após uma separação, com foco no processo de amadurecimento de uma adolescente criada num ambiente artístico. Eva (Daniela Marín Navarro) e seu gato são amigos inseparáveis que passam por problemas depois que a mãe decide expulsar o felino de seu lar. A saída par a menina é viver com o pai: um tradutor e aspirante a poeta (Reinaldo Amien Gutiérrez) que não parece muito disposto a crescer, mas ama a filha sobre todas as coisas. A fotografia de Nicolás Wong Diaz é um assombro, em sua habilidade de dialogar com códigos do realismo.

CARVÃO, de Carolina Markowicz: O candidato brasileiro ao prêmio principal dos Horizontes Latinos de San Sebastián se passa em uma fria região do país, onde um casal de carvoeiros (Maeve Jinkings e Rômulo Braga) desafiam a rotina de um destroçado casamento ao acolher um estrangeiro (o argentino César Bordón, de "Relatos Selvagens") em sua casa. O sujeito tem um histórico sujo por delitos que o levam a forjar a própria morte e começar uma vida nova fora de seu país. Sua presença vai desequilibrar a rala harmonia de seus hospedeiros.

LE LYCÉEN, de Christophe Honoré: Consagrado como sendo um herdeiro de Jacques Demy (o diretor de "Os Guarda-Chuvas do Amor") no trono dos musicais franceses, estabelecido como um artesão do gênero, apoiado no prestígio de "Bem Amadas" (2011), Honoré sempre teve em Cannes um lar para seus filmes, mas preferiu deixar sua obra-prima para San Sebastián. Mais tocante (e mais potente) dos concorrentes à Concha de Ouro, este drama delicadamente fotografado por Rémy Chevrin acompanha a reconstrução afetiva de um adolescente (Paul Kircher, um vulcão), após a morte de seu pai. Entre relações sexuais viscerais com rapazes que se encantam por seu olhar triste e uma temporada com o irmão (Vincent Lacoste, o novo Jean-Pierre Léaud), o jovem tenta curar suas feridas.

PIAFFE, de Ann Oren: Um clima de mistério digno do cinema de Apichatpong Weerasethakul se faz sentir nesta crônica urbana, nas raias do extra-ordinário, a tendência do momento na fantasia, na qual fatos inusitados ocorrem, sem explicação. Neste caso, tudo envolve uma relação entre irmãs. Abalada pela crise nervosa de sua mana, Eva assume um trabalho como captadora de som na filmagem de um comercial. Mas seu corpo vai entrar em mutação. E é uma mutação que faz seus sentimentos desabrocharem.

ARGENTINA, 1985, de Santiago Mitre: Toda sabedoria dos argentinos na escrita de roteiro é empregada aqui na recriação do tribunal que julgou os militares responsáveis pela tortura de nuestros Hermanos nos anos 1980. O diretor de "A Cordilheira" (2017) volta a unir forças com Ricardo Darín para construir um thriller jurídico fiel à tradição do cinema político de Elio Petri, Costa-Gavras e Francesco Rosi. Darín levou San Sebastián às lágrimas ao reproduzir a retórica do promotor Julio César Strassera (1933-2015), o jurista que lutou para condenar generais e almirantes. Laureado em Veneza com o Prêmio da Crítica, dado pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci), a longa estreia na grade da Amazon Prime no dia 21 de outubro.

FOREVER ("Resten Af Livet"), de Frelle Petersen: A atriz escandinava Jette Søndergaard pode sair da Espanha com o prêmio de melhor coadjuvante por seu desempenho como a auxiliar de uma escola para jovens com síndrome de Down cujo sonho é ser mãe. Sua vida harmoniosa entra em crise com a morte súbita de seu irmão, com quem tinha uma forte cumplicidade. O roteiro é de inteligência rara na forma como retrata as raízes afetivas desse clã, que busca se reinventar após o luto.

Fotos Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Fé na estética cubana

Com 'Vicenta B.', Carlos Lechuga firma sua voz autoral em San Sebastián desafiando os pecados políticos de Havana

Mestre dos enigmas, o vilão de HQs Charada não assombra apenas Gotham City, mas também a Havana de Fidel Castro. Ao fazer balanço do cinema de seu país, em sua passagem pela seção competitiva Horizontes Latinos, do Festival de San Sebastián, o realizador Carlos Lechuga diz ser mais fácil encontrar "Batman", de Matt Reeves, nas telas de Havana, do que os longas de produção cubana. Ou seja, o Charada de Paul Dano anda mais alta na Ilha (o apelido daquele país) do que os herdeiros estéticos de cineastas como Tomás Gutiérrez Alea (1928–1996).

Mas Lechuga, que concorre no evento do norte espanhol com "Vicenta B.", não isenta seu governo pela responsabilidade do que se passa com a indústria cinematográfica. O regresso do diretor de "Santa & Andrés" (2016) às telas envolve a luta de uma vidente, Vicenta (vivida por Linnett Hernandez Valdes), par reaver sua clarividência.

Na entrevista a seguir, o cineasta conversa com o Correio da Manhã sobre a dimensão religiosa dessa trama e sobre pecados políticos.

É muito libertador ver um filme cubano que celebre a força do sincretismo religioso do país de mãos dadas à fantasia e à fé. Qual a dificuldade de se falar em religião por lá?

Carlos Lechuga: Até 1985, os cubanos que acreditavam em entidades como Obàtálá, que vocês chamam de Oxalá, precisavam esconder seus colares, pois as crenças eram malvistas. Até a fé católica tinha problemas. E o Novo Cinema, baseado na ideia de gerar imagens do povo para o povo, não soube lidar com essa herança religiosa. Durante anos, a representação da fé era algo caricato, limitada a sacrifícios, com gente fazendo oferendas de galinhas ou cabras. Eu tentei sair dessa dimensão folclórica.

Uma vidente, vivida por Linnett Hernandez Valdes, busca recuperar sua clarividência em 'Vicenta B', de Carlos Lechuga

Como você avalia a atual situação de Cuba nas telas?

Uma amiga minha, comunista, foi visitar Cuba e ficou chocada ao perceber que é mais comum as pessoas ouvirem música americana, em inglês, por lá, do que os ritmos locais. O mesmo vale para o cinema. Quando nossos artistas apontam os problemas de nossa realidade, nas telas, o governo prefere os Guardiões da Galáxia ou o Batman. Ao contrário do que se vê com a Costa Rica, que vive uma onda de explosão nas telas, nosso cinema encontra cada vez mais dificuldades, sobretudo pela retração das coproduções. Num passado recente, há uns 20 anos, você pegava uma revista como a "Fotogramas", aqui em San Sebastián, e via uma série de parcerias de Cuba com outras nações. Hoje, nós temos artistas como Fernando Pérez produzindo algo novo. Mas, no geral, produzimos cerca de cinco longas por ano.

E o que chega às telas?

Desses cinco, dois estreiam comercialmente. O excedente é propaganda do governo. Em Cuba, se já é difícil para o nosso povo se alimentar, imagine como é árduo fazer filmes.

O tempo como protagonista

Sueli Franco, Deborah Evelyn e Nathália Dill encenam 'Três Mulheres Altas', do premiado Edward Albee

Escrita pelo americano Edward Albee (1928-2016) no início da década de 1990, "Três Mulheres Altas" logo se tornou um clássico da dramaturgia contemporânea. Perversamente engraçada – como é a marca do autor –, a peça recebeu o Prêmio Pulitzer e ganhou bem-sucedidas montagens pelo mundo, ao trazer o embate de três mulheres em diferentes fases da vida: juventude, maturidade e velhice. Uma nova versão da peça está em cartaz no Teatro Copacabana Palace, com Suely Franco, Deborah Evelyn e Nathalia Dill no elenco. A direção é de Fernando Philbert e Gustavo Pinheiro assina a tradução.

Em cena, as atrizes interpretam três mulheres, batizadas pelo autor apenas pelas letras A, B e C. A mais velha (Suely Franco), que já passou dos 90, está doente e embaralha memórias e acontecimentos, enquanto repassa a sua vida para a personagem B (Deborah Evelyn), apresentada como uma espécie de cuidadora ou dama de companhia. A mais jovem, C (Nathalia Dill), é uma advogada responsável por administrar os bens e recursos da idosa, que não consegue mais lidar com as questões financeiras e burocráticas.

Entre os muitos embates travados pelas três, a grande protagonista do espetáculo é a passagem do tempo e também a forma com que lidamos com o envelhecimento. "O texto do Albee nos faz refletir sobre 'qual é a melhor fase da vida?', além de questões sobre o olhar da juventude para a velhice, sobre a pessoa de 50 anos que também já acha que sabe tudo e, fundamentalmente, sobre o que nós fazemos com o tempo que nos resta. Apesar dos temas profundos, a peça é uma comédia em que rimos de nós mesmos', analisa o diretor Fernando Philbert.

A última e até então única encenação do texto no Brasil foi logo após a estreia em Nova York, em 1994. Philbert e as atrizes da atual montagem acreditam que a nova versão traz uma visão atualizada com todas as mudanças comportamentais e políticas que aconteceram no mundo de lá para cá, especialmente nas questões femininas, presentes durante os dois atos da peça. Sexo, casamento, desejo, pressões e machismo são temas que aparecem nos diálogos e comprovam a extrema atualidade do texto de Albee.

Pino Gomes/Divulgação

Sueli Franco, Deborah Evelyn e Nathalia Dill vivem mulheres de diferentes gerações e seus respectivos conflitos em texto que consagrou o dramaturgo americano

Escrita em 1991 e lançada em 1994, "Três Mulheres Altas" representou uma virada na trajetória de Edward Albee, que recebeu as suas melhores críticas e viu renascer o interesse por sua obra. Aos 60 anos, ele ganhou o terceiro Prêmio Pulitzer, além de dois Tony Awards e uma série de outros troféus em premiações mundo afora.

A peça tem características autobiográficas e foi escrita pouquíssimo tempo depois da morte da mãe adotiva do autor, que teria inspirado a personagem mais velha. Após abandoná-la aos 18 anos, Albee voltou a ter contato com a mãe em seus últimos dias, quando já estava doente de Alzheimer. No entanto, alguns especialistas em sua obra defendem que a peça não pode ser reduzida a este fato.

"Três Mulheres Altas" vai além de ser um retrato de sua mãe. O texto traz o olhar mordaz e perverso – por que não dizer cômico – de Albee para a classe média alta americana e toda a sua hipocrisia, ao falar sobre status, sucesso, sexo e abordar a visão preconceituosa da sociedade e as relações que as três mulheres travam com o mundo, sempre atravessadas pelo filtro machista.

"Três Mulheres Altas" estreou na Broadway em 1994, no Vineyard Theatre, e no mesmo ano chegou ao West End, em Londres, no Wyndham's Theatre, além de iniciar uma turnê pelos Estados Unidos com a montagem americana e render versões na Espanha e Portugal. Em 2018, o texto foi remontado na Broadway, com direção de Joe Mantello e estrelado por Glenda Jackson, Laurie Metcalf e Alison Pill.

No Brasil, a peça foi dirigida por José Possi Neto, em 1995, e recebeu os prêmios APCA e Mambembe de Melhor Espetáculo.

SERVIÇO

TRÊS MULHERES ALTAS
Teatro Copacabana Palace (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 261)
Até 23/10
Ingressos: Plateia (R$ 120 e R$ 60, meia) e balcão (R$ 50 e R$ 25 (balcão) via Sympla (https://bileto.sympla.com.br/event/75602/d/152651)